

Variações sobre um tema*
(objetos e versões)

*Elza Marques Lisboa de Freitas***

Procurando um ponto de partida para esta apresentação, passei da psicanálise à literatura. O enfoque que me leva ao recorte pela via da poética é uma amostra restrita do vasto tecido proposto pelo tema das nossas jornadas, *Objetos soletrados no corpo*. Ele traz consigo questões sobre o corpo e o objeto, a lógica e a poética, o sintoma e a palavra, instigando-nos ao trabalho e esforço de reflexão.

Pensando no caráter breve de minha comunicação tomei como base uma conhecida cena, já usada por mim em um Seminário de Orientação Lacaniana da EBP-Rio, descrita em filigrana por Marcel Proust em sua obra *Em busca do tempo perdido*.

Esse texto de Proust, tão belo, se faz presente na abertura de nossas Jornadas como uma fábula moderna que a ética da psicanálise em sua força nos obriga a saber ler no corpo e com o corpo. É uma fábula, sem a moral da história.

O personagem, Marcel como o próprio autor, aceita depois de alguma relutância, uma xícara de chá preparada por sua mãe. Não ousou descrever a

* Trabalho apresentado na Mesa de Abertura das XVIII Jornadas Clínicas da EBP-RJ, *Objetos soletrados no corpo*, com a participação de Heloisa Caldas (Diretora da EBP-Rio); Marcus André Vieira (Diretor da EBP); Elza Freitas e Ronaldo Fabião (Coordenadores das XVIII Jornadas). Elza Freitas foi *mais-um* de um dos cartéis que compuseram a Comissão Científica das XVIII, ao lado de Maria Angela Maia, Maria Silvia Hanna, Stella Jimenez e Romildo do Rêgo Barros.

** Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

cena. Peço emprestadas ao autor suas palavras. A tradução livre e pontual é minha.

“Num dia de inverno, ao entrar em casa, minha mãe vendo que eu estava com frio, propôs-me que tomasse uma xícara de chá. Recusei de início, mas não sei por que mudei de idéia. Ela mandou buscar desses bolinhos pequenos e gordinhos, chamados *petite madeleine*, que parecem ser moldados na concha ranhurada de uma *coquille de Saint-Jacques*. Logo, maquinalmente, abatido pelo dia morno, pela perspectiva de um amanhã triste, levei aos lábios uma colher de chá na qual deixei amolecer um pedaço da *madeleine*. No mesmo instante em que engoli o chá, misturado a pedacinhos do doce, e que meu paladar foi tocado, estremeci atento ao que se passava em mim. Um prazer imenso me invadiu, isolado, sem a noção de sua causa”. Continuam as reflexões do personagem: “Eu havia parado de me sentir medíocre, contingente, mortal. De onde poderia ter vindo essa alegria poderosa? Sentia que estava ligada ao gosto do chá e do doce, mas ia infinitamente além disso; não devia ser da mesma natureza”.

O personagem Marcel passa então a tentar fazer que a experiência se repita. O sentimento percebido lhe escapa, se esconde. Marcel tenta esvaziar a mente de ruídos e pensamentos. Prova novamente o doce com o chá, mas tudo em vão.

Em pouco tempo, eis que Marcel vai da reminiscência à rememoração. Essa distinção, que nos vem de Lacan, é retomada por Jacques-Alain Miller. A rememoração remete ao simbólico, e isso já a partir de Freud em seu escrito “Projeto para uma psicologia científica”. Quanto à reminiscência, vemos em Lacan que é algo que parece externo, vindo de outra realidade. “Algo que está aqui aparece em seu esplendor solitário”. A reminiscência toca o real. O sujeito é tocado pelo real do objeto.

Marcel quer reproduzir a vivência gozosa. Quanto mais tenta aprisioná-la mais ela lhe escapa. A reminiscência que lhe vem como sendo do exterior, transportando-o magicamente no tempo e no espaço, de forma viva e brilhante, em pouco vai ser sucedida por um esforço consciente de buscar lembranças, forçar associações; esforço que redundará em vão, para tristeza e

frustração do personagem. Derrotado, ele recomeça várias vezes. E de repente a lembrança lhe vem. “Esse era o gosto do pequeno pedaço de *madeleine* que, no domingo pela manhã, em Combray, minha tia Léonie me oferecia depois de havê-la mergulhado numa infusão de chá ou de tília. A visão da *petite madeleine* nada me lembrou até que a provei”. E continua: “Mas, quando, de um passado antigo, nada subsiste, após a morte dos seres, depois da destruição das coisas mais débeis, mais vivazes, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o odor e o sabor permanecem por muito tempo, como almas, a se lembrar, a esperar, a aguardar, sob a ruína de todo o resto, carregando sem se dobrar, na pequena gota quase impalpável, o edifício imenso da lembrança”.

No entanto, em momentos inesperados a vivência ressurgirá. Não será essa a única vez que Marcel viverá essa experiência; ao longo dos vinte volumes de sua obra, elas se somam. Pensando nos registros a nós tão familiares de simbólico, imaginário e real creio perceber o simbólico na própria elaboração linha a linha do romance, feita por seu autor implicado como sujeito. Não pela identificação com o personagem, mas sim por ser sujeito de sua escrita, estando, no entanto, por ela assujeitado – como costuma acontecer a quem escreve. O imaginário se revela nos fatos da narrativa e além, pois acredito poder percebê-lo no título que o autor escolheu. A aproximação que Proust faz do tempo é imaginária. O tempo não se perde. Quanto ao real, ele está aí o tempo todo em sua roupagem de objeto, ora escapando ora se deixando vislumbrar por traços. Está aí causando.

Tomarei mais dois desses acontecimentos. Aquele em que Marcel vê entrar uma mulher que ele acreditava morta. Há uma experiência de retrospectão vivencial e ao mesmo tempo uma invasão subjetiva assustadora. Estamos aqui perto de Freud e do *Unheimlich*. E temos outro momento, quando finalmente Marcel em uma festa em Guermentes chega ao universo que muito idealizou. Depois de aspirar por isso toda vida, Marcel encontra um mundo social já decadente, envelhecido, mulheres já sem brilho. Esbarra com a própria idealização de seu mundo, encarando dele a face degradada, e se vê lançado a estar, pelo resto de sua vida, privado da própria busca que lhe era companheira. Queda a inevitável busca que sustentou o sentido

de sua vida e obra. Essas experiências têm a força de *tyché* com sua intensidade de surpresa. Instante presente de quase captura do tempo perdido, apenas por ser passado. Ou penso eu, vislumbre em relance, num átimo de segundo, do objeto nu e cru. A capa de agalma se rompe em uma fração temporal. Pequenos portais do tempo que se abrem e se fecham na velocidade da ficção científica, amputando-nos partes. Terrível, mesmo acompanhado de brilho e gozo, porque no espaço de um lapso o objeto se apresenta. Ante sua face de maravilha ou de exposição do horror, talvez possamos olhar, pelos olhos da angústia, para esses fragmentos que aqui recortei, como sendo a busca essencial do autor, encarnado no personagem de sua história. Como todos nós, um autor pautado na passagem do tempo, mas sem dúvida sempre em busca do objeto perdido.

Nos objetos do pensamento freudiano e do lacaniano vejo também a possibilidade de considerarmos os sentidos, e aqui falo mesmo de olfato tato, paladar, visão, e audição, que se apresentam como lógicos para quem é alfabetizado em nossos *b* a *ba*. Aí encontramos mais do que a geografia da percepção dos sentidos. O cego vê pelo tato pelo olfato e pela audição, mas o homem psicanalítico vê, sente, escuta, saboreia e respira mapeado pela matéria pulsional que recorta em objetos tanto seu ser encarnado quanto seu objeto. Percebam como o não-cego apalpa bem com os olhos, por exemplo. Se lembrarmos de nossa língua cotidiana, perceberemos que além de outras coisas é possível um banquete sexual, no qual os convivas se comem entre si.

Jacques-Alain Miller, em seu curso *Um esforço de Poesia*¹, lembrando Beaudelaire, nos diz: "Não seria excessivo dizer que a psicanálise faz o revezamento com a poesia, realizando, a seu modo, um rencantamento do mundo. Reencantar o mundo, não será isso o que se faz em cada seção de psicanálise?"

¹ MILLER, J.-A. *Curso de Orientação Lacaniana. Um esforço de poesia* (2002-2003). Aula de 5 de março de 2003.